

Futebol feminino na televisão: análise do imaginário na narrativa das finais da Libertadores de 2009 e 2023

Women's football on television: analysis of the imaginary in the narrative of the 2009 and 2023 Libertadores finals

Amanda da Assunção Paiva

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Rio de Janeiro, RJ
amandapaivabj@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0005-8986-7982>

Filipe Fernandes Ribeiro Mostaro

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Rio de Janeiro, RJ
filipemostaro@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-6600-5953>

Recebido em: 29 de maio de 2025

Aceito em: 30 de agosto de 2025

Resumo:

Esta pesquisa analisa as mudanças ocorridas na maneira de narrar uma partida de futebol feminino na televisão brasileira, levando em consideração o imaginário presente no discurso espaço-temporal dos jogos. Com o foco em duas partidas distintas, a primeira de 2009 (com a transmissão feita majoritariamente por homens) e a segunda de 2023 (com a transmissão comandada por mulheres), é possível compreender as nuances do preconceito de gênero latente no primeiro período, assim como o resultado da busca por equidade de gênero no futebol no último jogo analisado. Ao fim do processo, compreende-se que o aumento de transmissões do futebol de mulheres colabora, não só para a sua normalização nos imaginários, como também amplia fontes de trabalho para mulheres.

Palavras-chave: Futebol Feminino. Narrativas. Machismo.

Abstract:

This research analyzes the changes that have occurred in the way women's soccer matches are narrated on Brazilian television, taking into account the imaginary present in the space-time discourse of the games. By focusing on two different matches, the first from 2009 (with transmission done mostly by men) out and the second from 2023 (with the transmission controlled by women), it is possible to understand the nuances of latent gender bias in the first period, as well as the result of the search for gender equality in soccer in the last game analyzed. At the end of the process, it is understood that the increase in broadcasts of women's soccer contributes not only to its normalization in the imaginary, but also expands sources of work for women.

Keywords: Women's Soccer. Narratives. Sexism.

Introdução

“No futebol feminino, tem só mulher bonita”, analisa o comentarista Neto durante transmissão da Final da Libertadores Feminina de 2009. Dezesesseis anos depois, esse comentário é substituído por análises táticas e técnicas das jogadoras. A mudança de pensamento é reflexo de todo um processo social por direitos iguais no futebol iniciada desde a década de 1920, com as artistas circenses. O caminho que as jogadoras de futebol precisaram percorrer para conseguir seriedade e visibilidade dentro do esporte foi árduo e ainda permanece repleto de batalhas diárias por espaço na mídia esportiva. Foi preciso agir à margem da lei em determinado momento para conseguir praticar o esporte (Bonfim, 2023). Além disso, houve descaso, machismo, preconceito social revertidos das mais inúmeras desculpas que invalidaram os corpos femininos que queriam “jogar bola”. (Goellner, 2005 e Bonfim, 2023).

Este artigo tem como objetivo indicar as alterações das narrativas das transmissões das partidas de futebol femininas. Para isso, utilizamos como objeto de análise a competição “Libertadores Feminina”, por ser considerada, pelas próprias narrações das emissoras, a competição mais importante de clubes da América do Sul. A primeira partida analisada foi a primeira final da competição, disputada entre o time brasileiro Santos e o Universidad Autónoma, do Paraguai, em 2009 e transmitida pela TV Bandeirantes. Essa transmissão foi composta majoritariamente por homens, tendo como mulher apenas a repórter de campo, Fabíola Andrade. A segunda, foi a final da mesma competição, mas no ano de 2023, disputada entre os clubes brasileiros Palmeiras e Corinthians e transmitido pelo canal Sportv. Essa segunda teve a presença de mulheres na narração e nos comentários. O artigo faz um recorte da análise desenvolvida pela autora e orientada pelo autor durante o TCC do curso de Jornalismo.

Como ferramenta teórica-metodológica utilizamos a ideia de “ludens narrativo” (Mostaro, 2023). Nessa proposta, a ideia de jogo (Huizinga, 2014), narrativa (Ricoeur, 2010) e imaginário (Durand, 1997) se complementam e nos auxiliam a compreender o próprio processo narrativo e suas nuances. No caso do nosso objeto, a proposição de Ricoeur ao entender a narrativa como um processo histórico que dialoga diretamente com o contexto será fundamental para analisarmos o que mudou de 2009 para 2023. Com base no “ludens narrativo”, entendemos que o imaginário sobre o futebol feminino não era o mesmo nas duas finais analisadas, influenciando diretamente no “jogo narrativo” proposto pelos narradores, comentaristas e repórteres das transmissões. Essa

metodologia fornece os referenciais teóricos necessários para analisar a elaboração do mundo criado nas duas finais pelas transmissões. Qual imaginário sobre as jogadoras se projetou em cada transmissão. Quais as nomenclaturas, artigos e adjetivos foram utilizados pelo comentarista Neto e pelo narrador Luciano do Valle em 2009? Qual jogo narrativo foi proposto pela comentarista Renata Mendonça e pela locutora Renata Silveira em 2023? Na seleção de ações humanas e representações que farão parte da narrativa, qual o imaginário foi acionado nas duas finais? A pesquisa tem como objetivo apresentar essas nuances e como as narrativas sobre o esporte podem reforçar ou reconfigurar interpretações sobre o imaginário que se tem sobre a participação feminina no esporte, evidenciando visões de mundo a cada contexto social. Os resultados apontam para um avanço na equidade de gênero e a diminuição do machismo quando comparamos a narrativa dos dois jogos, sinalizando caminhos para que tais avanços se consolidem e usem outros imaginários como bases da construção narrativa sobre as partidas do futebol feminino.

O imaginário das mulheres na prática do futebol

A historiadora Aira Bonfim enfatiza que as mulheres praticavam o esporte desde o seu surgimento no Brasil. Entretanto, conquistar esse espaço dentro de campo, esbarrava em disputas no campo social e no imaginário elaborado por essa modalidade. A ideia de virilidade e masculinidades presentes no futebol era frequentemente usada ao se definir as características de um jogador (Archetti, 2001). Na projeção do que seria permitido e esperado de uma mulher no início do século XX no Brasil, o futebol feminino era visto como algo sem o mesmo valor simbólico do masculino. Para as mulheres entusiastas do futebol restavam as arquibancadas ou algumas atividades sociais dentro de clubes. A imprensa relatava que a presença feminina “iluminava” e “embelezava” os espetáculos esportivos. Ou seja, eram as características físicas que detinham importância.

Na condição de sócias-acompanhantes (dos pais, maridos e até amantes), as mulheres que circulavam pelos ambientes públicos e esportivos eram socialmente viciadas e lhes era cobrado um determinado padrão de comportamento vigente à época para evitarem serem mal faladas. (Bonfim, 2023, p.32).

Tentando reconfigurar esse imaginário, mulheres continuaram praticando o

esporte. Bonfim (2023) relata indícios em periódicos de futebol com a presença feminina no campo do Jardim Zoológico, com o time alvinegro Villa Izabel FC, no Rio de Janeiro e acervos fotográficos da revista *Vida Esportiva* que retratavam a existência de jogadoras em Natal, Rio Grande do Norte, datados em 1920 (Bonfim, 2023). No início desta década, o clube carioca Vasco da Gama foi um dos pioneiros na criação de uma equipe de futebol composta por mulheres. O entusiasmo com o título carioca conquistado pelo time masculino em 1923, gerou o interesse em torcedoras na composição de uma equipe apenas com moças. Esse avanço da prática de futebol por mulheres, aumentou as críticas sobre o pertencimento feminino no esporte. Bonfim (2023) mostra que foi nos circos brasileiros que as mulheres puderam praticar o futebol, indicando caminhos considerados não oficiais para essa prática. Os torneios oficiais, organizados pela CBD (Confederação Brasileira de Desporto), não incluíam o futebol feminino. Durante a década de 1930, a instituição travava uma disputa interna para manter o esporte amador e proibir que membros das camadas populares pudessem participar dos times que integravam a confederação (Souza, 2008). Na área suburbana do Rio de Janeiro, moradia do operário trabalhador, que buscava suas possibilidades de lazer (ABREU, 1987, apud BONFIM, 2023, p. 179), os times tinham os membros que a CBD não permitia jogar. Neste contexto, segundo Bonfim (2023), o campo de futebol do Engenho de Dentro Athletic Club, no início da década de 1930, sediou as primeiras festividades esportivas com participação de mulheres.

O ataque ao futebol de mulheres cresceu exponencialmente nos periódicos, no final da década de 1930, apelando para a utilização de argumentos biológicos para justificar o “perigo” que o esporte poderia causar na saúde feminina. O alinhamento midiático com o governo estadonovista de Getúlio Vargas conferiu conservadorismo às práticas de determinados esportes, cristalizando um imaginário que iria basear as narrativas sobre o futebol feminino. Com a regulamentação do esporte pelo Governo de Getúlio Vargas através do CND (Conselho nacional do Desporto) a prática de futebol feminino foi proibida no Brasil. Uma posição que evidencia o contexto conservador e ditatorial que o Brasil estava vivendo, influenciando a narrativa sobre a presença feminina na modalidade.

A pesquisadora Silvana Goellner (2005) elencou dois argumentos que justificam a privação do futebol de mulheres: a insistente associação entre o esporte e a masculinização da mulher e a naturalização de uma representação de feminilidade, chegando a estabelecer uma relação linear entre mulher, feminilidade e beleza. Os

argumentos embasados na biologia e na medicina foram utilizados, por décadas, para propagar preconceitos que cercam a sociedade.

Para Ricoeur (2010) narrar é a capacidade humana de se apropriar do mundo. Ao se narrar se ordena o mundo e, assim, pode-se compreendê-lo e agir sobre ele. Nas narrativas, grupos sociais constroem, produzem e validam valores morais, leis, costumes, crenças, representações e códigos, dando sentido à vida. Na ideia de “*ludens narrativo*”, essa construção convida o interlocutor a compartilhar esses sentidos e se empenhar nesse jogo narrativo, fazendo parte desse mundo criado, deste jogo. A narrativa funciona, então, como um processo de constituição de realidade, articulando vários elementos para formar significados. Ela cria mundos em associação com o imaginário, configurando relações de poder e disputas pela interpretação de cada sentido. Exatamente a construção do mundo que privou as mulheres da prática esportiva que descrevemos no parágrafo anterior.

Apenas em 1979, com o fim da CBD e a criação da CBF e com a equipe masculina já sendo tricampeã mundial, a lei que proibia as mulheres de jogar futebol foi revogada. Porém a modalidade de futebol feminino não estava regulamentada ainda. Segundo Bruhns (2000), “as praias se transformaram em palcos onde mulheres se reuniam para jogar bola, como era o caso de várias empregadas domésticas que trabalhavam no Leblon e após o expediente se juntavam para momentos de sociabilidade e lazer” (apud Costa 2017, p. 500). Um dos times mais importantes neste processo foi o Radar que, fundado em 1932, criou um time feminino em 1981.

No ano seguinte, o Radar saiu das areias e chegou aos gramados. O dono do time, Eurico Lyra Filho, tinha o ideal de organizar um campeonato feminino, regulamentar o esporte e uma Seleção Nacional Feminina. Em 1983, surge o primeiro Campeonato Carioca de Futebol que teve a participação do Radar, Madureira, Bangu, América e Portuguesa. Ali nasceu uma hegemonia do Radar. O time escalado com Meg, Pelezinha, Fernanda, Cláudia, Maradona, Maria Helena, Elza, Fia, Celinha, Rata e Salaleto foi seis vezes campeão carioca (1983, 1984, 1985, 1986, 1987 e 1988). Além do hexacampeonato, nos mesmos anos já citados, foi campeão da Taça Brasil, competição organizada pela CBF por um curto tempo (Almeida, 2013). Ressalta-se aqui a referência de apelido das jogadoras a atletas do masculino já consagrados, como Pelezinha e Maradona. A associação ao imaginário do futebol feminino era diretamente ligada ao masculino.

Essas construções narrativas não são ingênuas, muito menos um objeto acabado e finalizado como se tenta apresentar, elas são um processo, assim com a sociedade, em constante elaboração e reelaboração pelos conflitos e interações, onde “a força política e simbólica de um grupo hegemônico jamais penetra todos os recônditos da sociedade, nem impede manifestações culturais contra-hegemônicas” (Motta, 2013, p.23). É exatamente essa reelaboração narrativa sobre as transmissões esportivas que vamos indicar. Mas antes disso, vamos destacar a força da narração esportiva na elaboração desse “mundo narrativo” e como ela convida o interlocutor a entrar nesse mundo e se envolver na narrativa.

A força da narração na construção de imaginários

Acreditamos que o imaginário é substrato para que as narrativas sejam produzidas. Ele seria a matéria-prima, o impulsionador das emoções e indutor do envolvimento dos interlocutores no processo narrativo. Sabendo da pluralidade de interpretações sobre o imaginário, vamos adotar neste artigo a posição de Juremir Machado da Silva (2012, p.8): “todo imaginário é uma narrativa. Uma trama. Um ponto de vista. Vista de um ponto”. Da Silva (2012) entende que o imaginário é um campo complexo de representações, símbolos, mitos e narrativas constantemente reconfiguradas que moldam a percepção e a interpretação da realidade. O ser humano seria movido por esses imaginários que o cercam.

Todo imaginário é um desafio, uma narrativa inacabada, um processo, uma teia, um hipertexto, uma construção coletiva, anônima e sem intenção. O imaginário é um rio cujas águas passam muitas vezes no mesmo lugar, sempre iguais e sempre diferentes (SILVA, 2012, p.8).

O imaginário sobre as mulheres no futebol, que vamos indicar nas duas transmissões analisadas, é essa narrativa inacabada, que agrega imagens, sentimentos, visões do real, leituras do cotidiano através de interações sociais que vai sedimentar uma forma de agir, ser e indicar uma visão de mundo (Silva, 2012). Essa possibilidade de criação de um mundo seria, para nós, o ponto de encontro entre jogo, narrativa e imaginário presente no “ludens narrativo”. Esses três elementos fundamentais para a interação humana, criam ambientes comunicacionais para que os interlocutores se envolvam intensamente neste jogo narrativo.

Assim, a interpretação da história do futebol de mulheres faz parte das imagens,

dos sentimentos, de escolhas e visões do real em um contexto, que determinado grupo social pretende construir e repassar. Neste sentido, a narração esportiva não está isolada deste processo narrativo, ela se insere em grupos sociais, com visões e escolhas de determinados imaginários para balizar a sua narrativa, criar mundos e produzir sentidos sobre múltiplas textualidades. Nas transmissões esportivas, com sua linguagem coloquial, direta e repleta de metáforas que ativam o imaginário do torcedor (Guerra, 2012), determinadas representações são confirmadas, exaltadas e reconfiguradas, dialogando com contextos sociais. Seguindo a proposição de Da Silva (2012), consideramos que as transmissões televisivas fazem parte das tecnologias do imaginário, que seriam “dispositivos de cristalização de um patrimônio afetivo, imagético, simbólico, individual ou grupal, mobilizador desses indivíduos ou grupos”. As emissoras que transmitiam as narrações esportivas dos jogos masculinos, iniciadas no rádio e levadas para a televisão não exibiam jogos femininos por conta da proibição. A concepção de mulheres praticando futebol era excluída deste mundo criado pelas transmissões¹.

Essas tecnologias do imaginário (Da Silva, 2012), auxiliavam a criar a narrativa de que o “normal” e “correto” era transmitir o futebol masculino. Os jornais até reservavam espaços para o assunto, mas com tons de sexualização: “as primeiras notícias que pautam o futebol feminino brasileiro a partir de 1983, principalmente na década de 1990, são conduzidas de forma apelativa à beleza das jogadoras e a erotização de seus corpos” (Castro, 2021). Na história das Copas do Mundo Feminina, o Brasil participou de todas as nove edições, com a primeira realizada em 1991, ano em que a televisão já estava consolidada, com competições esportivas sendo transmitidas em canais abertos e ensaios de canais fechados já eram vistos. Mesmo com toda essa tecnologia disponível, a primeira edição da Copa Feminina não foi transmitida no Brasil.

Já na Copa do Mundo de futebol feminina de 2003, há registros da transmissão de algumas partidas no canal fechado ESPN Brasil. Na edição seguinte, de 2007, que foi melhor campanha do Brasil até hoje, o segundo lugar diante da Alemanha, coube a TV Bandeirantes transmitir. Em 2015, o canal público TV Brasil, a TV aberta Bandeirantes e o canal fechado SporTV transmitiram o torneio. Porém foi apenas na

¹ A pesquisadora Aira Bonfim (2023) que estuda a história do futebol feminino no Brasil, atualmente se debruça, com pesquisadores do Museu do Futebol, para encontrar os primeiros apontamentos televisivos do futebol praticado pelas mulheres.

edição de 2019 que a maior emissora de TV aberta do Brasil, a TV Globo, decidiu exibir pela primeira vez uma Copa do Mundo Feminina. A estreia do Brasil contra a Jamaica teve Galvão Bueno, principal narrador do canal na época, à frente da narração (Januário; Lima; Leal, 2020). Enquanto a transmissão dos jogos masculinos era uma “normalidade” no imaginário social brasileiro, narrar o jogo das mulheres ia aos poucos se inserindo no ritual de transmissões esportivas nacionais. Esse processo, para nós, reflete diretamente na construção do imaginário e possíveis novas possibilidades de narrativas sobre o futebol feminino.

Na compreensão de Véron (1987), “é claro o papel do jornalismo como espaço de produção de sentidos, pois os acontecimentos sociais só ganham existência pública com a ação dos dispositivos de mediação que os constroem através do processo de enunciação” (apud Castro, 2021, p.6). Isto é, para que o imaginário social compreenda melhor o universo do futebol de mulheres, ele precisa estar inserido na agenda do jornalismo esportivo cujo Castro (2021) infere que:

mobiliza estratégias discursivas singulares e impregnadas de sentidos, onde é impossível não significar. Para cobrir eventos esportivos, (BORELLI, 2002, p.1) cada mídia segue um ritual e uma agenda própria a partir da escolha de determinadas pautas que ganharam espaço na existência pública e num campo midiático, marcado por disputas, negociações e trocas simbólicas. Por isso, a contribuição da imprensa esportiva para o desenvolvimento e divulgação do esporte são muito significativas - o interesse do jornalismo esportivo em oferecer transmissão e cobertura para a Copa do Mundo Feminina mobiliza o público em torno do assunto, sendo capaz de se tornar visível. (CASTRO, 2021. p.6).

Contudo, assim como o imaginário explica os contextos discriminatórios nos discursos televisivos de futebol feminino, é também ele que elucida as mudanças que surgem ao longo dos anos. Afinal, “as tecnologias do imaginário cristalizam no reservatório semântico a superfície da novidade, dando profundidade ao que se apresentou, um dia, como efêmero” (Silva, 2012, p. 43). E as mulheres seguem como precursoras dessas novidades no que diz respeito à equidade de direitos no trabalho, independentemente da área de atuação. No caso do futebol feminino, aquilo que era considerado efêmero, agora há uma percepção maior das injustiças provocadas com as mulheres que quiseram jogar bola no passado e buscam nadar contra a maré do atraso de desenvolvimento. Ou seja, como afirma Juremir Machado (2012, p. 51), “o imaginário é sempre desvio, divergência, apropriação, reinterpretação, releitura, desconstrução, reconstrução e nova afirmação”.

Duas Libertadores, dois mundos criados

A Copa Santander Libertadores Feminina de 2009 foi a primeira edição do torneio continental realizado para as mulheres, enquanto a versão masculina já existia desde 1960. A edição teve um caráter quase experimental por parte da CONMEBOL, que visava concretizar a competição no calendário. Algumas particularidades em comparação com o torneio masculino persistem até os dias de hoje, como o formato, por exemplo. A Libertadores Feminina é disputada em “tiro curto”, que dura cerca de duas semanas e possui um país-sede.

A edição de estreia aconteceu no Brasil com jogos sediados em Santos, Guarujá e São Paulo. A Libertadores contou com dez representantes, um de cada país membro da CONMEBOL, com isso, o Santos foi o único time brasileiro na disputa, garantindo a vaga por ter vencido a Copa do Brasil de 2008, na época, única competição oficial para o futebol de mulheres em nível nacional. As Sereias da Vila, como o time feminino é conhecido, ganhou dois grandes reforços para a competição: Marta e Cristiane, que já eram mundialmente conhecidas pelas campanhas com a Seleção Brasileira, incluindo o ouro no Pan 2007, o vice-campeonato mundial de 2007 e a prata na Olimpíada de 2008. Marta chegou ao Santos já detentora de três troféus de Melhor Jogadora do Mundo (2006, 2007 e 2008) e ganhou mais um prêmio em 2009, com a Cristiane escolhida para o terceiro lugar.

Existia a consciência social de que Marta e Cristiane eram excepcionais. Além das campanhas com a Seleção Brasileira, as jogadoras se destacaram individualmente em seus clubes e eram reconhecidas em premiações conforme citado acima. Marta já havia conquistado 4 títulos (2 Campeonatos Suecos, uma Taça da Suécia e uma Liga dos Campeões) com o Umea IK, da Suécia. E a Cristiane também possuía 4 títulos (2 Taças da Alemanha, 1 Campeonato Alemão e 1 Liga dos Campeões) com o Turbine Potsdam, da Alemanha. O discernimento do tamanho que as duas jogadoras possuíam será evidenciado na narração de Santos e Universidad Autónoma. Todavia, não existia o costume de transmitir com tanto afincamento partidas de futebol de clubes, até mesmo porque não tinha um campeonato brasileiro estruturado para as atletas e muito menos todos os times possuíam equipes femininas. Com isso, o pouco que a mídia transmitia de futebol de mulheres, não era ainda o suficiente para que o imaginário normalizasse a prática do esporte pelas jogadoras e, sendo o imaginário a base para uma construção narrativa (Silva, 2012), esta se encontra mergulhada em preconceitos estruturais porque “o

indivíduo entra nele pela compreensão e aceitação de suas regras: participa dele pelos atos de fala imaginal (vivências) e altera-o por ser também um agente imaginal (ator social) em situação” (Silva, 2012, p. 9).

A final do torneio aconteceu no dia 18 de outubro de 2009 e sagrou o Santos campeão após uma goleada de 9 a 0 no Universidad Autònoma, do Paraguai. O jogo foi na Vila Belmiro e foi transmitido em TV aberta pela Rede Bandeirantes. O BandSports transmitiu a competição inteira em canal fechado e a TV Bandeirantes exibiu os jogos do Santos em TV aberta, sendo esses os únicos meios de transmissão da competição. Luciano do Valle² estava sob o comando da narração e o Craque Neto nos comentários, enquanto Fabíola Andrade e Fábio Lucas Neves ficaram com a reportagem no gramado.

O período antecedente à partida não reservou muitas análises ou retrospectivas da campanha do Santos na competição, o que se via era Luciano do Valle comentar que a torcida estava “fazendo a maior festa na Vila famosa” e, quando apareciam imagens das jogadoras ele comentava “está aí o Santos”, demonstrando que não tinha conhecimento profundo sobre as jogadoras. O grande destaque no pré-jogo era a ausência da Cristiane, por ter sido expulsa na semifinal. Então, a informação que a “garota Thais, de 16 anos”, atuaria no lugar da artilheira da competição, foi reforçada algumas vezes.

Antes do apito inicial, Luciano faz o seguinte comentário sobre a juíza: “está toda bem arrumadinha hein, uniforme bonito, uma sainha”. Essa é a primeira de uma sequência de comentários estéticos sobre a árbitra argentina Salomé Di Iorio que seriam ouvidos na transmissão. O imaginário sobre o futebol de mulheres na época tinha Marta, Formiga e Cristiane como referências e, é possível confirmar a afirmação ao acompanhar a transmissão em questão em que os comentários táticos, dos poucos que aconteciam, precisavam passar pelo nome das atletas.

Neto inicia sua função de comentarista lamentando a ausência de Cristiane e, quando cita o nome de outras jogadoras, são as que possuem a bola no momento. Quando deseja ter um comentário mais profundo, o campo de referência é o masculino. Neto analisa a pressão da final da Libertadores falando: “a gente tem a experiência do sub-20 e da Costa Rica”. A analogia refere-se ao Brasil Sub-20 que, dias antes, havia

² O narrador Luciano do Valle, desde a década de 1990, foi responsável por transmitir e tornar jogadoras de futebol conhecidas. Na Bandeirantes, ele narrou partidas importantes da história da Seleção e criou uma identificação do público com as jogadoras: Sissi, Pretinha, Kátia Cilene, Roseli, Formiga. Mas, apesar de Luciano conquistar visibilidade para o futebol feminino de seleções, compreendemos que ao estar inserido nessa teia imaginária sobre o futebol feminino, emergem visões mais conservadoras, exaltando a beleza feminina.

perdido a final do Mundial, nos pênaltis, para Gana, assim como a Costa Rica que perdeu a disputa do terceiro lugar, também nos pênaltis, para a Hungria.

Quando o cronômetro apontou 3 minutos, ainda não se tinha uma narração lance a lance das jogadas, mas o termo “meninas” já havia sido citado por Luciano do Valle para se referir às jogadoras. É uma forma inconsciente de infantilização e não compreensão do futebol feminino como um esporte a ser levado a sério, como se as atletas estivessem em nível de diversão em campo. Aciona-se o imaginário da atividade circense, descrita anteriormente, com algo mais lúdico, beirando o amadorismo. Juremir Machado (2012) disserta que na fase primitiva das tecnologias do imaginário, o próprio imaginário era fruto das relações interpessoais sem nenhum tipo de mediação maquínica e, neste contexto, a carência de aproximação com o futebol de mulheres traz a falta de tato para compreender o exótico que se apresenta.

O narrador e o comentarista não encaram a partida de futebol como o espetáculo principal a ser fielmente narrado. Isso é comprovado quando, ainda nos mesmo três minutos de partida, duas jogadoras (uma do Santos e outra da UAA) se chocam em campo, quase na linha de fundo. Luciano do Valle não só ignora o lance como aproveita a oportunidade para mandar um “abraço aos paraguaios”, ressaltando que os brasileiros gostam do convívio com os vizinhos. Ele ainda fecha o raciocínio citando as eliminatórias para a Copa Masculina de 2010 e a classificação do Paraguai. Nem o nome das jogadoras caídas em campo foi mencionado no momento.

A sequência mais deslocada da narração e carregada de imaginários de preconceitos de gênero se deu a partir dos 4 minutos. A imagem da árbitra Salomé aparece em vídeo e o Neto comenta:

bonita a árbitra hein, linda hein, que beleza! (...) no futebol feminino tem só mulher bonita, futebol diferente, onde sabem bater escanteio, sabem bater falta, sabem dar o passe né. O jogador de hoje, profissional, os homens, não sabem fazer isso, tinham que aprender. Vocês estão tudo concentrado agora, assistem um pouquinho para saber como que bate na bola.

O encadeamento de acontecimentos problemáticos continua quando Luciano e Neto começam uma discussão sobre a saia utilizada pela árbitra da Argentina.

L.V: Você viu a saia da árbitra da Argentina? Inovando hein. Ela não vem com aquele shortinho mais colado não, vem com uma saia muito parecida com uma jogadora de tênis.

C.N: Você vê que o futebol feminino... você vê que a árbitra...

Enquanto Neto ensaia uma resposta, a imagem da juíza ganha a tela com um short na parte de trás da saia.

L.V: Não é bem assim

C.N: Mas tem na frente, você tem razão. No tênis é igualzinho, você está correto, é desse jeito mesmo. É uma saínia na frente, um short atrás. E a camisa do Santos também não tem o mesmo estilo da camisa dos homens, é uma camisa bonita (...) você está certinho, Luciano, é um short atrás e uma saia na frente. Bonito mesmo, além dela ser linda.

Durante a conversa sobre a vestimenta da árbitra, houve uma cobrança de escanteio da Universidad Autónoma que foi ignorada pela narração. O jogo continuou movimentado para os dois lados, sem que o narrador e comentarista citem uma jogada sequer e, quando o Luciano chama a repórter Fabíola Andrade no gramado, a pauta é: a beleza da árbitra.

L.V: Fabíola, você diria que essa é a mais bonita das árbitras? (...) E olha que hoje ela teve a vaidade de fazer o cabelo bonito hein.

F. A: Eu sou brasileira e ela é argentina. Eu voto na beleza das brasileiras sempre

Na sequência, aos oito minutos, Neto faz uma primeira análise do jogo: “Aline está ganhando todas de cabeça nesses escanteios que são insistentemente treinados por Kleiton Lima”. Luciano completa admitindo o desconhecimento acerca da zagueira Aline Pellegrino ao revelar que ele e Neto achavam que o “Pelle” na camisa dela seria uma homenagem ao Pelé, quando se trata do sobrenome da atleta. Vale lembrar que Aline fez parte do elenco que ganhou medalha de ouro no Pan de 2007 com a Seleção Brasileira.

Os comentários de moda retornam quando a imagem da Thais ganha destaque da transmissão e Luciano comenta a confusão que fez com a faixa utilizada pela camisa 40 ao dizer que se tratava de uma bandana.

L.V: Levei um puxão de orelha da dona Flávia, com toda a razão (...) é por isso que eu digo que mulher não perde o detalhe, seu Neto.

C.N: A gente tem que abaixar a cabeça e saber que está errado né

O primeiro gol do Santos nasce de uma falta cobrada pela Marta pelo lado direito, a bola encontra Maurine na área, que manda de cabeça para o fundo do gol. A questão é que durante a cobrança de falta, Luciano estava falando os jogos da rodada do Brasileirão Masculino e só narrou o cabeceio de Maurine. No comentário do gol,

Neto diz que Marta sente muito a falta da Cristiane.

Mais um comentário estético e, desta vez, com alto teor machista, ganha importância na transmissão televisiva. O repórter Fábio chama para comentar que as chuteiras da Maurine, autora do gol, são rosa e termina dizendo: “Maurine, que foi eleita pelos nossos cinegrafistas, como a jogadora mais bonita em campo”. Segundos depois, um plano geral da Maurine aparece em cena e Neto comenta: “olha aí as chuteiras rosa da Maurine como o Fábio mostrou”.

A Rainha Marta marca o segundo gol do Santos em uma belíssima cobrança de falta. O lance ganhou uma narração à altura, com todos os requintes que a atacante merecia, mas ao comentar o gol, o Craque Neto se banhou nas comparações com o universo masculino mais uma vez.

C.N: Uma batida excepcional, podia estar o Ronaldo, Zetti, Maier, poderia estar o Raul Plassmann... o Gilmar faria o gol porque o Gilmar tomou gol meu de falta e tomaria da Marta também. Um golaço de falta.

Na metade do primeiro tempo, Luciano evoca: “não tem mais que provar nada, tem fila para entrar no estádio da Vila ainda, praticamente não há mais nenhum lugar”. E, mais uma vez, partindo de um referencial masculino, Neto justifica que o apreço para com o time feminino se dava devido a má fase do time masculino que não estava rendendo com Luxemburgo no comando. Ainda na cobrança de rendimentos da equipe masculina, Neto traz um dos poucos comentários táticos da partida ao analisar que a equipe de Kleiton Lima tem uma boa saída de bola e que “não depende da Marta, ao contrário da equipe principal que depende muito do Kléber Pereira”.

No trecho acima, além do imaginário ser voltado para as comparações ao time masculino, o comentarista Neto chama o time dos homens de “equipe principal”, mostrando que em seu inconsciente, o time do Santos que importa é o dos homens. De acordo com Juremir Machado (2012), “a mídia (informação, arte e entretenimento) reúne todas as características das tecnologias do imaginário” e, a fala de Neto evidencia um pensamento do senso comum da época. O futebol feminino era silenciado pelos meios e, nos poucos momentos em que ganhava luz, reproduzia o que o imaginário do contexto trazia.

A realidade de descaso e preconceito que a modalidade vivia em 2009 é escancarada na fala dualista seguinte de Luciano do Valle.

L.V: Não podemos revelar a audiência, mas é impressionante o público que

vem se agregando no futebol feminino. É um público fiel demais (...) imagina um Santos e Flamengo, Palmeiras e Corinthians, mas com craques e não com jogadoras que hoje o Brasil tem.

C.N: Será que custa tirar 200 mil reais por mês de um clube para montar um time?

A análise estética de Maurine surge mais uma vez antes do intervalo. A atacante tentou ampliar o placar algumas vezes na reta final dos primeiros 45 minutos e, em um dos lances, quando ela finalizou, Luciano narrou: “mais que charme essa chuteira cor de rosa”. Depois disso, Neto comentou que o estilo de chute de Maurine lembrava o de Marquinhos do Avaí masculino. Em outra chance desperdiçada da atacante, Luciano reclamou: “Maurine, para variar, colocou para fora... considerado um dos rostos mais bonitos dessa seleção”.

O tópico chuteiras volta para os comentários com Neto analisando o modelo utilizado por Marta, porém o surpreendente é a resposta de Luciano quando o companheiro de transmissão confessa estar fazendo propaganda gratuita.

C.N: E a chuteira da Marta, que não é rosa, mas é chuteira Puma, que também é linda, é a mesma chuteira que o Pelé usava no começo da carreira e nos títulos de 1970, que ele ganhou e foi campeão.

L.V: Mas isso é uma informação e a gente quer mostrar, inclusive para as meninas que estão querendo jogar, qual é o material esportivo indicado, só isso.

Em seguida, Neto chama a programação do Band Esporte Clube que terá uma reportagem com a Marta e que ela estará “toda de boné e vestido”. É a única informação sobre a reportagem comentada por Neto: a estética da Rainha do Futebol. O jogo já estava em seus números finais de 9 a 0 no placar quando Luciano do Valle pede para recuperarem a imagem da árbitra Salomé para ele confirmar se a unha dela está pintada de vermelho.

L.V: Depois a gente podia pegar um detalhe da mão da árbitra Salomé Iorio da Argentina. Eu acho que ela está com uma unha vermelha feita...olha (...) mas mão de mulher, eu olho de longe. É bonita, é bonita, bem cuidada pela juíza Salomé.

Quando analisamos o segundo jogo, podemos perceber as evoluções nas narrativas. A final da Libertadores Feminina 2023 foi disputada no dia 21 de outubro de 2023 entre os clubes paulistas Corinthians e Palmeiras, cujo as Palestrinas defendiam o bicampeonato consecutivo. Enquanto o Corinthians desejava conquistar o quarto troféu e assim o fez, vencendo por 1 a 0, gol de Millene.

No aspecto estrutural da competição, a Libertadores Feminina não teve muitos avanços em relação à edição de 2009. Classificada como “tiro curto”, o torneio tem duas semanas de duração e é realizado em um país sede. Na edição de 2023, a Colômbia teve a responsabilidade de receber o evento e ter um clássico entre Corinthians e Palmeiras na grande final.

Os dois clubes paulistas já possuem uma extensa rivalidade na modalidade masculina e a ambiência está sendo refletida no futebol de mulheres. Antes de decidirem a final da Libertadores, Corinthians e Palmeiras se enfrentaram na final do Campeonato Brasileiro Feminino de 2021 e já tiveram encontros no Campeonato Paulista.

A transmissão analisada foi feita pelo canal fechado Sportv e teve Renata Silveira na narração³, acompanhada de Renata Mendonça e Paulo Nunes nos comentários. A edição de 2023 teve a transmissão do SporTV, do BandSports e do GOAT (no YouTube). Direto do Estádio Pascual Guerrero, em Cali, estava o repórter Filipe Cury. A análise começa do protocolo de início de partida e capta a narradora Renata Silveira lendo a escalação do Palmeiras e comentando que a equipe “vem num 3-4- 3”. Há também um entusiasmo crítico que o VAR esteja disponível para a partida, assim como nas semifinais, mas não foi um cenário visto na fase de grupos da competição.

O evidente conhecimento acerca das jogadoras é notado assim que a capitã do Corinthians, Tamires, e a capitã do Palmeiras, Bia Zaneratto ficam frente a frente para o sorteio do lado do campo. Renata traz a seguinte informação: “Bia Zaneratto e Tamires! Outro dia estavam juntas com a camisa da Seleção Brasileira na Copa do Mundo hein. Agora, frente a frente para a final da Libertadores”. Renata Silveira também ressalta que é a última escalação feita pelo técnico Arthur Elias no Corinthians, já que ele assumiria definitivamente o comando da Seleção Brasileira.

A partida se inicia com Renata Silveira contextualizando que o confronto seria o maior da história do dérbi paulista feminino.

R.S: É Palmeiras e Corinthians! Um dos maiores clássicos do mundo e, com certeza, o mais importante da história do futebol feminino. Já tivemos Corinthians e Palmeiras se enfrentando na final do Brasileirão de 2021. Dois jogos e duas vitórias do Corinthians, 1 a 0 e 3 a 1, mas a Libertadores é

³ O pioneirismo da narração feminina é de Zuleide Ranieri, em 1972 (FERRO et al. 2023) e de Claudete Troiano, através da Rádio Mulher (Guerra, 2012) Após os anos 2000, destacam-se Renata Silveira, Natália Lara, Isabelly Moraes, Luciana Mariano, Elaine Trevisan entre outras nas principais emissoras esportivas.

competição continental e, por isso, o maior clássico e mais importante para as duas equipes.

É nesse instante que a comentarista Renata Mendonça é inserida na conversa para complementar a informação.

R. M: Só tem final brasileira com clássico né, porque, em 2019, quando foi a outra final brasileira, era Corinthians e Ferroviária, um grande clássico do futebol feminino, mais específico do futebol feminino. O Corinthians e Palmeiras é um clássico que o mundo conhece né, vem com uma tradição muito grande do futebol masculino. Acho que até no ping-pong, se enfrentar Corinthians e Palmeiras, tem rivalidade, então não tem a menor dúvida de que esse é o maior dérbi de todos os tempos porque decide o título mais importante.

Já é perceptível uma diferença entre a narração de Renata Silveira com a apresentada por Luciano do Valle anteriormente. Renata demonstra inteiro conhecimento sobre os times e valoriza o espetáculo em que está trabalhando. Mesmo com bastante bagagem informativa para trazer ao público, as jogadas são sua prioridade e também do restante da equipe com quem divide a transmissão. Um exemplo aparece quando a comentarista Renata Mendonça analisa o posicionamento de Gabi Zanotti, dizendo que se assemelha com o que ela está acostumada a desempenhar no Campeonato Brasileiro, depois que voltou da lesão.

Paulo Nunes inicia a participação aos 6 minutos fazendo uma análise das ideias de jogos dos dois treinadores, ressaltando que o estilo do Corinthians é distinto do utilizado pelo Palmeiras.

P.N: O Palmeiras joga muito na transição, a bola passa muito pela Duda Santos e, especialmente, pela Amanda para ter essa transição rápida e usar na inversão, a Bruna Calderan e, especialmente, a Katrine pelo lado esquerdo. Então, é um time que joga em velocidade para buscar e pegar a defesa adversária exposta.

Aos 13 minutos, um pênalti é marcado para o Corinthians e cartão amarelo é dado para a Flávia Motta, mas quando o replay é exibido, nota-se que a falta foi de Camilinha. Renata Silveira esclarece a confusão para os telespectadores e ressalta que o VAR pode analisar a situação. Sobre a possível batedora de pênalti,

R.S: Millene já bateu pênalti, Jheni, mas ela está no banco. A Jaque já bateu um pênalti nesta Libertadores (...) Vic Albuquerque na batida, a maior

artilheira da história do Corinthians. Ela fez o gol do empate contra o Internacional com a bola rolando mas, nos pênaltis, não é secar não, gente, é só informação. Na decisão por pênaltis, ela perdeu. Uma jogadoraça, muito respeitada pelo Corinthians.

Ao longo da transmissão, Renata Silveira trouxe algumas curiosidades acerca da Libertadores Feminina, como no momento que a zagueira Poliana, do Palmeiras, tocou na bola.

R.S: Poliana que é a história da Libertadores né, a maior jogadora a conquistar títulos da Libertadores, foram cinco. Inclusive venceu pelo Corinthians também. Poliana foi campeã em 2011, 2013 e 2014 pelo São José, 2021 pelo Corinthians e 2022 pelo Palmeiras. Ninguém tem mais títulos de Libertadores do que a Poliana, zagueira do Palmeiras.

O único gol da partida foi marcado por Millene, aos 30 minutos do primeiro tempo. Renata Silveira acompanhou toda a construção da jogada e pode narrar o gol sem surpresas e, com o replay, recontou o lance desde a origem. Depois disso, Paulo Nunes e Renata Mendonça dedicam tempo para analisar a jogadora em si, desde seus posicionamentos em campo, visto que foi a própria autora do gol que iniciou a jogada. Minutos depois, Renata Silveira traz mais contextos históricos da Libertadores, agora, sobre os campeões brasileiros.

R.S: Palmeiras, que busca o bi consecutivo, coisa que apenas Santos e São José conseguiram. Santos foi o primeiro campeão da Libertadores, timaço que tinha Marta. Aí ganhou 2009 e 2010 ganhou também. O São José, que é um dos tri, além do Corinthians, conseguiu um bi consecutivo de 2013 e 2014.

Apenas um momento de descontração acontece no primeiro tempo quando, já nos acréscimos, o técnico do Palmeiras, Ricardo Belli, mistura os idiomas português e espanhol para contestar o pouco tempo adicional fornecidos pela árbitra. Paulo Nunes, Renata Silveira e Renata Mendonça soltam risadas discretas.

R.S: Eu gosto quando mistura o português com o espanhol, traz entretenimento.

R.M: Um *'poquito'*

R.S: Quer fazer o final do jogo todo em espanhol?

R.M: Não, minha amiga, deixa para depois que o jogo está nervoso.

No segundo tempo, Tarciane, zagueira do Corinthians, é expulsa por levar o segundo cartão amarelo. Neste momento, uma crítica em relação à postura da jogadora acontece na cabine de transmissão.

R.S: A Tarciane permanece no campo e fala ‘não tem VAR’? (...) Tarciane continua pedindo VAR.

R.M: Não é a Tarciane que tem que pedir VAR e não é a árbitra que decide ir para o VAR, é o VAR que decide chamar ou não. Mas a decisão foi de segundo cartão amarelo então o VAR não analisa cartão amarelo, só vermelho. (...) Falta um pouquinho de conhecimento das regras das partes que ficaram reclamando e pedindo o VAR.

Paulo Nunes comenta menos que a Renata Mendonça, o que pode ser justificado pela aproximação mais longa com o futebol de mulheres. Entretanto, Paulo Nunes evidencia um empenho e responsabilidade com o produto que está entregando e entrega comentários precisos, como no momento que analisou a atuação de Gabi Portilho e Tamires.

P.N: Que trabalho dá a Gabi Portilho pelo lado direito, hein. O Palmeiras não conseguiu encaixar essa marcação e, se por um lado a Gabi Portilho aparece jogando e construindo muito, por outro lado tem a Tamires que até parece que não aparece tanto, mas ela é muito tática, trabalha muito pelo lado esquerdo, fecha essas linhas de passe. É uma jogadora muito tática da equipe do Corinthians.

Conclusão

As análises das partidas acima demonstram que, conforme a equidade de gênero avança, as funções exercidas pelas mulheres ganham a seriedade necessária. Em 2023, isto se reflete não apenas com as jogadoras de futebol tendo seu trabalho valorizado e progredindo na atenção midiática que sempre mereceram. Mas também na equipe profissional que garante os acessos do público a essas atletas. Renata Silveira simboliza neste trabalho o número expressivo de narradoras que, hoje, conseguem trabalhar nas principais emissoras do país, assim como o grupo de comentaristas femininas que agregam as equipes, como Renata Mendonça.

Os imaginários atuais defendem a equidade das oportunidades entre homens e mulheres no esporte e, com mais mulheres ascendendo para posições de narrações, por exemplo, as transmissões televisivas do futebol de mulheres caminha para que essas

profissionais entendam o conteúdo que é preciso ser exposto para que a modalidade se aproxime mais do grande público. Isso não significa que apenas as mulheres possam exercer tal função, mas elas compartilham dos imaginários de exclusão ao longo de suas trajetórias e sabem o que precisa ser dito e feito para dar voz às personagens.

Perde-se a necessidade de recorrer ao referencial masculino para comentar um jogo de futebol de mulheres, porque a modalidade está sendo inserida no calendário das emissoras e trazendo suas próprias referências. É evidente que o futebol de mulheres ainda não atingiu a excelência de valorização, existe ainda muito caminho para se percorrer. Contudo, também é notório que muito se caminhou na luta pela valorização das jogadoras, se comparado ao período em que ainda vigorava a lei de proibição do futebol de mulheres no país. Não é mais um espanto ligar a televisão e se deparar com uma competição feminina sendo transmitida.

Este trabalho, portanto, permite observar que o avanço do futebol de mulheres precisa do apoio midiático, sobretudo. Assim como a sociedade evoluiu e os imaginários refletem os novos papéis da mulher, a narrativa também o faz. Ao comparar a Final da Libertadores de 2009 com a Final da Libertadores de 2023, as narrativas evidenciam a seriedade que a modalidade conquistou no campo imaginal do público e a crescente de jogos dentro das grades de programação corroboram o fato. O papel do jornalista esportivo é caminhar para que a modalidade avance mais, assim como a lotação das arquibancadas e a produção de conteúdo sobre o assunto. O jornalismo esportivo tem a missão de potencializar os personagens de histórias que merecem ser vistas. O futebol de mulheres batalha há décadas para ser o alvo disso.

Referências

ALMEIDA, Caroline Soares de. *“Boas de bola”: Um estudo sobre o ser jogadora de futebol no Esporte Clube Radar durante a década de 1980*. 2013. 151 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

ARAÚJO, Érika Alfaro. *Mulher e futebol: a cobertura e a transmissão da televisão aberta brasileira da Copa do Mundo 2019*. 2021. Dissertação de Conclusão (Mestrado em Comunicação) – FAAC – Unesp, sob orientação do Prof. Dr. Mauro de Souza Ventura, Bauru, 2021.

ARCHETTI, Eduardo P. *"Futebol, identidade e masculinidade na Argentina."* In: HELAL, Ronaldo; SOARES, Antônio Jorge; LOVISOLO, Hugo (orgs.). *A invenção do*

país do futebol. Rio de Janeiro: Mauad, 2001. p. 253–272.

BONFIM, Aira F.. *Futebol Feminino no Brasil: entre festas, circos e subúrbios, uma história social (1915-1941)*. São Paulo: CassiMano, 2023

BONFIM, Aira F. [*Primeira exibição de futebol feminino na televisão*]. Whatsapp: [mensagem privada]. 21 set. 2023. 16:43. 1 mensagem de Whatsapp.

CAMARGO, V.R.T.; GONCALVES, M.C.A. . *A memória da imprensa esportiva no Brasil: a história (re)contada através da literatura*. In: XXVII-Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2005, Rio de Janeiro. Intercom 2005: Ensino e Pesquisa em Comunicação. Rio de Janeiro: UERJ, 2005.

CASTORIADIS, C. *A criação histórica - o projeto da autonomia*. Porto Alegre: Palmarinca, 1991.

CASTRO, Letícia de. *Primeira transmissão televisionada no Brasil da Copa do Mundo de Futebol Feminino: novas perspectivas das relações entre a mídia jornalística brasileira e o futebol praticado por mulheres* (Apresentação Julho/2021).. In: Fazendo Gênero 12 - Lugares de fala: direito, diversidade, afetos, 2021, Remoto. “ST 044: Educação de corpos, gêneros e sexualidade nas práticas esportivas e de lazer: entre resistências e reificações, 2021.

COSTA, Leda. *O futebol feminino nas décadas de 1940 a 1980*. Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, n. 13, p. 493-507, 2017.

DURAND, Gilbert. *A imaginação simbólica*. tradução Eliane Fittipaldi Pereira - São Paulo. Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

FERRO, Raphaela Xavier de Oliveira; GOMES, Juliana; ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. *A voz como marcador de exclusão de gênero do radiojornalismo brasileiro*. In: ANAIS DO 32º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 2023, São Paulo. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2023.

FERRO, Raphaela X. O.. *As mulheres e o jornalismo esportivo em 20 anos do projeto Doutores da Bola*. In: MAIA, Juarez Ferraz; BORGES, Rosana Maria Ribeiro; FARIAS, Salvio Juliano Peixoto. (Org.). Estudos Contemporâneos em Jornalismo - Coletânea 8. 2ªed. Goiânia: Cegraf UFG, 2020, v. , p.297-317.

FERRO, Raphaela x. O.; ZUCULOTO, V. R. M.. *Narração de futebol por mulheres no rádio brasileiro: registros históricos de transmissões entre a década de 1970 e o início dos anos 2020*. Radiofonias - Revista de Estudos em Mídia Sonora, v. 14, p. 105-133, 2023.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, vol 19, no. 2, p. 143-151, 2005.

GOMES, Rodrigo Rocha. *Narração Esportiva na Televisão: Precisão, Emoção e Informação*. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) -

Universidade Federal de Juiz de Fora, 2015.

GUERRA, Márcio de Oliveira. *Rádio x TV: O JOGO DA NARRAÇÃO. A imaginação entra em campo e seduz o torcedor*. Rio de Janeiro, 2006. Tese (Doutorado em Comunicação) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

JANUÁRIO, S.M.B.B.; Almeida, C; Leal, Daniel. Futebol de mulheres na agenda da grande mídia: uma análise temática da cobertura da Copa do Mundo de 2019. OBSERVATORIO (OBS*), v. 14, p. 42-62, 2020.

MAFFESOLI, M. *Michel Maffesoli: o imaginário é uma realidade*. Revista FAMECOS, [S. l.], v. 8, n. 15, p. 74–82, 2008.

MOSTARO, Filipe Fernandes Ribeiro. *O “Ludens narrativo”: uma proposta para análise das narrativas sonoras esportivas*. In: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2023, São Paulo. Anais do 32º Encontro Anual da COMPÓS. São Paulo: Compos, 2023. v. 32.

MOTTA, Luiz Gonzaga. *Análise Crítica da Narrativa*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

PATRICIO, Elisa Ferreira de Carvalho. *Na emoção do futebol: uma análise das transmissões no rádio e na TV*. Rio de Janeiro, 2014. Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

REINO, L. S. A.; BUENO, T. C.; GEHLEN, M. A.; ARAUJO, E. W. F. *Um olhar da Comunicação sobre o imaginário e a pós-modernidade: entrevista com Juremir Machado*. Intexto, Porto Alegre, n. 41, p. 4–13, 2018.

SANTOS, Anderson David Gomes dos. *A Copa do Mundo de futebol de mulheres e as mudanças no mercado de transmissão*. Ludopédio, São Paulo, v. 173, n. 8, 2023.

SANTOS, C.A.R.. *Gênero e ação na narração esportiva de uma partida de futebol*. In: VI Congresso Internacional da Abralín, 2009, João Pessoa. Anais do VI Congresso Internacional da Abralín - 40 anos. João Pessoa: Idéia, 2009. v. Único.

SILVA, Giovana Capucim e. *Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1941-1983)*. 2015. 135 f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SILVA, J. M. *As tecnologias do imaginário*. Porto Alegre: 3º edição, Sulina, 2012.

SOARES, Edileuza. *A bola no ar: o rádio esportivo em São Paulo*. São Paulo: Summus, 1994.

SOUZA, Glauco José Costa. *Liga Metropolitana x Liga Suburbana: semelhanças e diferenças entre as competições de futebol no Rio de Janeiro*. Esporte e Sociedade.

Niterói, v. 11, n. 28, p. 1-20, 2016.